

Pressuposição e a variação no presente do modo subjuntivo

Pressupposition and present subjunctive mood variation

Tatiana Schwochow Pimpão^{1*}

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG).
tatianapimpao@furg.br

RESUMO: Nesta pesquisa, investiga-se a pressuposição em três contextos de variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo (orações concessivas introduzidas por **embora**, **apesar de que** e **se bem que**; orações causais introduzidas por **não**; e orações parentéticas) obtidos a partir de uma amostra de dados de fala: 24 entrevistas da cidade de Florianópolis/SC e 24 entrevistas da cidade de Lages (Banco de Dados do Projeto VARSUL). São dois os objetivos gerais: (i) reunir contextos linguísticos específicos por manifestarem, na interação comunicativa, um viés pragmático na medida em que são usados como estratégias de correção de pressuposição e (ii) oferecer um tratamento funcionalista para o uso variável do presente do modo subjuntivo e do modo indicativo nos contextos em análise. Defende-se que a propriedade de corrigir pressuposição manifesta-se nos três tipos de orações em análise, principalmente com verbos no presente do indicativo. O presente do subjuntivo é retido no contexto de modo subordinante (**embora**) e em algumas orações causais (**não (é) que**).

PALAVRAS-CHAVE: Pressuposição; Subjuntivo; Indicativo.

ABSTRACT: This research investigates the presupposition in three contexts of variation between the present of the subjunctive and of the indicative modes (concessive clauses introduced by **embora**, **apesar de que** and **se bem que**; causal clauses introduced by **não**; and parenthetical clauses) obtained from one speech data sample: 24 interviews from the city of Florianópolis/SC and 24 interviews from the city of Lages/SC (VARSUL Project Data Base). The first goal is to gather linguistic contexts for expressing, in communicative interaction, a pragmatic value and for being used as a correction strategies; and the second one is to provide a functionalist treatment for variable use of the present of the subjunctive and the indicative mood in the contexts under analysis. We aim at defending that the propriety of correcting presupposition is manifested in these types of clauses, mainly with verbs in the present of indicative. The present of subjunctive is retained in context of subordinating mood (**embora**) and in some causal clauses (**não (é) que**).

KEYWORDS: Presupposition; Subjunctive; Indicative.

* Desde 2013, desenvolve o projeto Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no Brasil e coordena do Grupo de Estudos em Funcionalismo Linguístico de Orientação Givoniana (GEFLOG). Como referência à pesquisa desenvolvida no projeto mencionado, está o artigo intitulado "Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil", a ser publicado na revista *Working Papers* (no prelo).



Introdução

Nesta pesquisa, é investigada a pressuposição em três contextos linguísticos de variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo: orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora**, **apesar de que** e **se bem que**; orações causais iniciadas por **não** e orações parentéticas. O fenômeno de variação mencionado não deve sugerir um tratamento variacionista segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, pois, conforme será observado adiante (quarta e quinta seções), o número de dados não é suficiente para um tratamento quantitativo nesses moldes.

O primeiro objetivo desta pesquisa consiste em reunir, com base em Pimpão (2012)¹, contextos linguísticos específicos por manifestarem, na interação comunicativa, um viés pragmático na medida em que são usados como correção de pressuposição. O segundo objetivo é oferecer um tratamento funcionalista givoniano (GIVÓN, 1995, 2001, 2005, 2011 [1979]) para os dados de variação entre subjuntivo e indicativo e para os dados categóricos de um e outro modos verbais com base na pressuposição.

Esses contextos de análise têm sido estudados sob diferentes perspectivas. A título de ilustração, Gouvêa (2001) investiga concessivas com base na semântica argumentativa; Delahunty (2006), seguindo pressupostos da pragmática, aborda orações causais introduzidas por **não**; e Burgo e Ferreira (2011) tratam, dentre outras, de construções como as denominadas parentéticas neste estudo, tendo como referência a Análise da Conversação. Considerando que não foi encontrada outra pesquisa com a mesma proposta

¹ Os dados de análise neste artigo têm como referência a pesquisa de Pimpão (2012) acerca da variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo em cinco contextos de análise, a saber: orações substantivas, adjetivas e adverbiais; orações com **talvez** e orações parentéticas.

empreendida neste artigo e que reunisse todos os três contextos de análise, pretende-se, como terceiro objetivo, contribuir para a discussão da temática.

O presente artigo está assim estruturado: na primeira seção, a teoria funcionalista givoniana é delineada, especialmente no que concerne à pressuposição e à negação; e, na segunda, é realizada a revisão da literatura de cada um dos contextos linguísticos em análise. Na terceira seção, está descrita a metodologia; na quarta, os resultados são analisados e discutidos e, por fim, na quinta seção, seguem as considerações finais.

1 Funcionalismo givoniano

Para o funcionalismo linguístico norte-americano (GIVÓN, 1995, 2001, 2005, 2011[1979]), a língua não é concebida dissociada do uso; é, portanto, heterogênea, maleável, variável. As bases do funcionalismo são encontradas na biologia, disciplina “profundamente funcionalista”, que prevê, por exemplo, uma sintonia entre o movimento de um animal durante sua locomoção e a estrutura do esqueleto e dos músculos (GIVÓN, 1995, p. 3). Nesse sentido, pelo menos em um primeiro momento², a estrutura linguística é não-arbitrária, motivada e icônica, permitindo observar uma relação transparente entre forma e função (GIVÓN, 1995).

Com base na metáfora do código biológico, a gramática assume uma função adaptativa. O processamento mental do falante/ouvinte se altera constantemente no curso da interação comunicativa. Nessa perspectiva, os interlocutores não somente codificam e decodificam informações, eles negociam/reformulam essas informações, avaliam seu próprio discurso, atribuem pressuposições ao ouvinte, i.e., a interação comunicativa envolve um acompanhamento constante do discurso do falante e dos processos

² Com o passar do tempo, uma estrutura pode, por erosão semântica, tornar-se arbitrária e opaca.

mentais que dele decorrem. Na concepção de Givón (2005), a cognição compartilhada constitui condição para a comunicação e a cooperação.

O discurso é construído na própria interação comunicativa. Falante e ouvinte negociam o turno de fala, partilham do mesmo assunto, participam do mesmo ambiente de conversação e podem solicitar esclarecimentos sempre que necessário. Por envolverem essas características, os três contextos sintáticos em análise nesta pesquisa são esperados na interação face-a-face, como forma de monitorar o fluxo da informação e as possíveis pressuposições derivadas do contato direto entre os interlocutores, conforme pode ser observado a seguir.

- (1) “Ah! o pai gosta mais do fulano que de mim!” Não, não gosto; eu gosto igualzinho, só que tem dia que você me faz perder a paciência e outro não, né? então é o caso que às vezes eu briguei com você, mas **NÃO QUE SEPARE** os filhos, que tudo o que a gente tem, é os filhos, né? (LGS 04, L827)³

A ocorrência (1) permite a seguinte análise: o falante relata que, a depender do comportamento dos filhos, pode chamar a atenção de um ou de outro, o que não significa que ele protege ou prefere um dos dois. A negação em **não que separe** parece indicar a negação de uma pressuposição atribuída pelo falante ao ouvinte. Na provável percepção do falante, o ouvinte poderia pressupor que há uma distinção entre os filhos, já que um deles tira a paciência do pai. Nesse sentido, nos termos de Givón (2011 [1979], p. 139), pode-se observar que “a pragmática discursiva interage com a sintaxe”.

³ O código identifica a entrevista: cidade de Lages (LGS) ou Florianópolis (FLP), número da entrevista e linha em que o dado se encontra.

De acordo com Givón (2011[1979], p. 140 [grifos do autor]), “nas línguas naturais, afirmativas e suas negativas correspondentes não diferem apenas pelo seu valor de verdade, mas também por um elemento adicional – pragmático –, a saber, suas *pressuposições discursivas*”. Seguindo, o autor complementa que “elas envolvem aquilo que o falante assume que o ouvinte *tende a acreditar*, está *provavelmente inclinado a acreditar*, ou está *empenhado em acreditar por uma probabilidade mais alta do que 50%*” (GIVÓN, 2011[1979], p. 140 [grifos do autor]).

Em consonância com o posicionamento defendido por Givón (2011 [1979]), o falante, em (1), parece assumir que o ouvinte poderia pressupor uma diferença no tratamento dos filhos. Na concepção do falante, o contexto discursivo criado poderia conduzir a pressuposições equivocadas. Assim, se o falante produziu uma construção com negação, ele provavelmente assumiu que o ouvinte interpretaria esta afirmativa correspondente: ele separa os filhos. Na tentativa de esclarecer essa pressuposição atribuída ao ouvinte, o falante a corrige, deixando claro que não separa os filhos. Nos termos de Givón (2011[1979], p. 206 [grifos do autor]), diferentemente das afirmativas, que transmitem uma informação nova, “as negativas são usadas para corrigir uma convicção equivocada, tendo como fundo a suposição de *erro do ouvinte*”.

A negação é considerada por Givón (1995, 2001) como uma das quatro modalidades epistêmicas: pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negativa. Dentre essas, interessam, neste estudo, a primeira e a última⁴. Para Givón (2001, p. 301-302[grifos do autor]), na pressuposição,

⁴ “Asserção *realis* – a proposição é *fortemente asserida* como verdadeira. Mas a contestação pelo ouvinte é julgada apropriada, embora o falante disponha de *evidência* ou outras bases fortes para defender sua forte crença”; “asserção *irrealis* – a proposição é *fracamente asserida* como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (submodos avaliativos/deonticos). Mas o falante *não* está pronto para reforçar a asserção com evidências ou outras bases fortes; e a contestação pelo ouvinte é prontamente recebida, esperada ou mesmo solicitada”. Traduzido de

“a proposição é *dada como verdadeira*, seja por definição, acordo prévio, convenções culturalmente compartilhadas, por ser óbvia aos interlocutores, ou por ter sido proferida pelo falante e não contestada pelo ouvinte”; na asserção negativa, “a proposição é *fortemente asserida como falsa*, mais comumente em contradição com crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte. Uma contestação do ouvinte é antecipada e o falante dispõe de evidências ou outras bases fortes para reforçar sua forte crença”⁵.

Essas quatro modalidades respeitam a seguinte ordenação: pressuposição > asserção *realis* > asserção *irrealis* > asserção negativa (GIVÓN, 1995, 2001). Na pragmática comunicativa, em que informações pressupostas, ou pelo menos supostamente pressupostas, aparecem em contextos negativos, a pressuposição e a asserção negativa se aproximam (GIVÓN, 2001, p. 372):

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{pressuposição} \\ \text{asserção negativa} \end{array} \right\} > \text{asserção } \textit{realis} > \text{asserção } \textit{irrealis}$$

Conforme Givón (2001, p. 372 [grifos do autor]), “ao usar a asserção negativa, o falante não está preocupado em comunicar informação nova ao ouvinte. Mais que isso, o falante está preocupado em *corrigir crenças*

Givón (2001, p. 301-302): “Realis assertion: the proposition is *strongly asserted* to be true. But challenge from the hearer is deemed appropriate, although the speaker has *evidence* or other strong grounds for defending their strong belief”; “Irrealis assertion: The proposition is *weakly asserted* to be either possible, likely or uncertain (epistemic sub-modes), or necessary, desired or undesired (valuative-deontic sub-modes). But the speaker is *not* ready to back up the assertion with evidence or other strong grounds; and challenge from the hearer is readily entertained, expected or even solicited”. As traduções são de responsabilidade da autora.

⁵ (GIVÓN, 2001, p. 301-302): Presupposition: the proposition is *taken for granted* to be true, either by definition, prior agreement, generic culturally-shared convention, by being obvious to all present at the speech situation, or by having been uttered by the speaker and left unchallenged by the hearer; negative assertion: The proposition is *strongly asserted* to be *false*, most commonly in contradiction to the hearer’s explicit or assumed beliefs. A challenge from the hearer is anticipated, and the speaker has evidence or other strong grounds for backing up their strong beliefs.”

equivocadas do ouvinte”⁶. Segue, agora, um outro contexto em que, mesmo a negação não estando formalmente presente, a propriedade de corrigir uma pressuposição atribuída ao ouvinte se manifesta.

- (2) A minha vida mando eu, agora eu faço o que eu quero. Nem meus filhos eu não deixo me mandar, **APESAR QUE** o mais velho **QUER** mandar em mim, mas eu não deixo. (FLP 03, L438)

Em (2), com base no discurso construído pelo falante de que ele não deixa seus filhos mandarem, infere-se que os filhos não se sentem autorizados a mandar no pai e, por isso, não o fazem. Entretanto, por atribuir essa pressuposição ao ouvinte, o falante imediatamente a corrige, confessando, com o uso de uma oração concessiva introduzida por **apesar que** que o filho mais velho quer mandar. Em (3), a seguir, ocorre o mesmo tipo de correção de pressuposição, porém mediante uma oração parentética.

- (3) Ent.: Por que é que que é Conta Dinheiro?
Desde que eu vim pra cá é o nome. É, Conta Dinheiro.
Ent.: E não tem nenhuma história sobre esse bairro?
Não **QUE** eu **SAIBA** não tem, né? porque certas coisinhas- Malandragem, mas outras histórias aí, que **QUE** eu me **LEMBRE** não.
Ent.: Ah, não tem outras. (LGS 05, L611-614)

A ocorrência (3) muito bem ilustra a interação entre os interlocutores. Inicialmente, o falante afirma não ter histórias sobre o bairro Conta Dinheiro. Provavelmente, por temer que o ouvinte considere tal informação

⁶ (GIVÓN, 2001, p. 372): In using NEG-assertion, the speaker is not in the business of communicating new information to the hearer. Rather, s/he is in the business of *correcting the hearer’s misguided beliefs*.

como verdadeira, decide retificar sua resposta por meio de duas orações parentéticas – **que eu saiba** e **que eu lembre**. Essas orações, além de alterarem o discurso precedente, introduzem um turno mais relativizado, tanto que o falante, na sequência, afirma que houve casos de malandragem; entretanto, pelo menos até o momento da entrevista, é o que lembra acerca de histórias que aconteceram no bairro.

Dados como os considerados neste estudo devem ser investigados a partir da situação de comunicação, considerando processos cognitivos que envolvem os interlocutores durante a realização das entrevistas: orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora, apesar de que e se bem que**; orações causais iniciadas por **não** e orações parentéticas. Givón (2005) defende a existência da cognição compartilhada, condição para a comunicação e cooperação. Com relação aos dados em análise, observa-se uma estreita correlação entre cognição e comunicação: na situação comunicativa, o falante reflete sobre seu discurso, faz avaliações também sobre seu discurso e ainda avalia como as informações podem ser processadas na mente do ouvinte e quais pressuposições este poderá vir a derivar.

2 Revisão da literatura

Nesta seção, são detalhados os contextos linguísticos sintáticos em análise como ambientes em que o subjuntivo é o modo esperado: orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora, apesar de que e se bem que**; orações causais iniciadas por **não** e orações parentéticas. A subseção 2.1 apresenta a visão de gramáticas (SAID ALI, 1971; CUNHA, 1992; MOURA NEVES, 2000; MENDES DE ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2006; CUNHA; CINTRA, 2007; AZEREDO, 2008; CASTILHO, 2010), e a subseção 2.2 reúne alguns estudos realizados sobre cada um dos contextos sob diferentes perspectivas teóricas (ROSA, 1992; GALENBECK; CARVALHO, 1998;

PIMPÃO, 1999a, 1999b; GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004; DELAHUNTY, 2006; SALGADO, 2006; BURGO; FERREIRA, 2011; PIMPÃO, 2012).

2.1 A perspectiva das gramáticas

No que se refere às orações adverbiais, o presente do subjuntivo ocorre depois de determinados tipos de conectores (CUNHA, 1992; BECHARA, 2006): orações concessivas (*embora, se bem que*) e orações causais (*não porque, não que*). Para Cunha e Cintra (2007, p. 484), nas orações adverbiais, o subjuntivo, “em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”. De acordo com Mendes de Almeida (2005, p. 566), “era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura”.

Segundo Said Ali (1971, p. 333), o modo subjuntivo era usado com as orações concessivas “de cem anos a esta parte [...] A linguagem dos séculos precedentes socorria-se ora do indicativo, ora do conjuntivo nas orações de *ainda que*”, e o modo verbal indicava se o fato era real ou imaginado. Ao tratar das orações concessivas, Azeredo (2008) destaca que as conjunções **embora** e **apesar de que** apresentam uma informação considerada real; e o conector **se bem que**, empregado para introduzir ressalva, ocorre tanto com verbo no indicativo quanto no subjuntivo. As orações introduzidas pelas conjunções **apesar de que** e **se bem que** constituem, segundo Moura Neves (2000), um adendo e tendem a aparecer como oração independente. Para Moura Neves (2000, p. 879), “é muito frequente que a oração concessiva ocorra depois de pontuação de final de enunciado”. A ideia de contraexpectativa, que caracteriza esse tipo de oração, “se origina não apenas do conteúdo do que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte” (MOURA NEVES, 2000, p. 864).

De acordo com Castilho (2010, p. 377), “as intuições sobre as concessivas, colhidas em gramáticos e em linguistas, mostram que uma das sentenças envolvidas encerra um conteúdo negado explícita ou implicitamente”. Diacronicamente, a presença da negação em orações concessivas pode ser rastreada, e o percurso histórico apresentado por Castilho (2010) mostra-se bastante pertinente. Como um primeiro processo de gramaticalização, o sintagma preposicionado **em boa hora** passa de advérbio de tempo para advérbio de lugar, sofrendo uma redução fonológica: **embora**. Em um segundo momento, **embora**, já como conector, passa a encabeçar uma oração negativa, como em “Embora que não tenha razão, ainda assim insiste” (CASTILHO, 2010, p. 378).

Na terceira etapa do processo de gramaticalização, o **que** de **embora que** é desalojado e o conector passa a absorver, como resultado de um processo metonímico, a negação de expectativas. Um exemplo dessa situação pode ser observado em “Evito comer queijos, embora goste muito.”, em que “o caráter argumentativo de P está na sequência 'evito comer', isto é, 'não como'.” (CASTILHO, 2010, p. 379).

As orações parentéticas são consideradas como intercaladas por Mendes de Almeida (2005). Para o autor, emprega-se o subjuntivo “nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade: Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro)” (MENDES DE ALMEIDA, 2005, p. 567). E, segundo Bechara (2006, p. 283), “também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto: Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave”.

Dessa breve revisão de gramáticas, dois aspectos merecem destaque: o uso do modo subjuntivo e a suposta consideração de um viés pragmático. Dentre os três contextos linguísticos, apenas para as orações concessivas é admitido o uso do presente do modo indicativo com a ressalva de que a

incerteza e a suposição cedem espaço para a certeza. Isso significa dizer que o subjuntivo é o modo esperado nesses contextos linguísticos, ainda que o indicativo possa se fazer presente.

Das gramáticas consultadas, a de Azeredo (2008) mais se aproxima de uma concepção comunicativa de língua. Ainda assim, outras sugerem um componente pragmático na medida em que consideram a ressalva nas orações concessivas introduzidas por **se bem que** e a limitação de possibilidade e a restrição de generalidade nas orações parentéticas. A ressalva, a limitação e a restrição aparecem quando se torna necessário informar o interlocutor de uma retificação ou reconsideração sobre o próprio discurso do locutor.

2.2 A revisão dos contextos linguísticos

As orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora**, **apesar de que** e **se bem que** parecem compartilhar do jogo de atribuição de pressuposição. Pesquisas têm defendido a interação comunicativa como um ambiente adequado para o estudo de determinadas conjunções concessivas (PIMPÃO, 1999b; GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004; SALGADO, 2006; PIMPÃO, 2012). É na comunicação que os interlocutores negociam a informação, avaliam seu discurso e a interpretação que dele pode decorrer na mente do ouvinte. Processos cognitivos marcam esse dialogismo na medida em que o falante corrige ou desenvolve uma determinada informação por atribuir ao ouvinte pressuposições que, não necessariamente, este derivaria. Para ilustrar, seguem-se três dados:

- (4) Olha, os idosos que residem aqui, eu tenho impressão assim que eles têm assim uma classe social pouquinho elevada, porque eles estão aqui, eles estão com uma mordomia muito grande, eles estão pagando essa mordomia, então eles têm um pouquinho de independência, não é? E eles estão aqui por opção deles, **EMBORA ESTEJAM** assim separados da

família, mas foi uma opção deles. E tu sabes que o idoso, ele se discrimina, né? (FLP 22, L147)

- (5) E, eu ensinei meus filhos tudo o que- tudo o que eu aprendi dos meus pais, eu ensino para os meus filhos, né? **APESAR DE QUE** eles não **LEVAM** muito a sério, né? (LGS 09, L49)
- (6) Como eu hoje: o meu salário veio dezesseis mil, aí tem o desconto da Associação, ficam quinze mil. Eu, no supermercado, gasto dez, doze, quer dizer, é a metade pra mim, metade para o meu marido. Vamos que seja cinco pra cada, eu vou ficar com nove. Quinze. Fico com dez. Tenho coisa pra pagar. **SE BEM QUE** eu **ALMOÇO** no RU, né? mas eles, em casa. E eu, eu como bem, agora eles- (FLP 09, L613)

Na ocorrência (4), o informante caracteriza, de modo geral, os idosos que estão em uma casa de repouso ou mesmo em um asilo. Segundo o informante, os idosos têm uma boa condição social, têm mordomia no local onde residem (casa de repouso ou asilo), podem pagar por essa mordomia e estão no local por vontade própria. Essa descrição da figura do idoso poderia desencadear a seguinte reflexão por parte do ouvinte: mesmo com esses aspectos positivos (boa condição social, autonomia (decidiram estar naquele lugar) e mordomia), os idosos estão separados da família. Talvez, por atribuir essa pressuposição ao ouvinte, o falante diga na sequência: **embora estejam assim separados da família**.

Em (5), o falante menciona a atitude que mantém com seus filhos com base no tratamento recebido de seus próprios pais. Em sua concepção, pelo menos inicialmente, acredita que ensine seus filhos. No entanto, provavelmente considerando que tenha feito, na verdade, uma tentativa de ensinar, destaca que seus filhos **não levam muito a sério**, retificando provável pressuposição acerca de que tenha ensinado de fato. Em (6), o

falante comenta que, considerando os gastos com associação, supermercado e outros pagamentos, sobra pouco do salário que recebe. Provavelmente com receio de uma pressuposição de que o gasto no supermercado é maior devido ao almoço, afirma que almoça no restaurante universitário, mediante a oração concessiva introduzida pelo conector **se bem que**, que já assinala algum tipo de retificação no discurso.

Nos três últimos exemplos analisados, e nos demais que ocorrem na amostra, os conectores concessivos são usados em situações consideradas reais, factuais, mesmo com a presença do presente do modo subjuntivo, contrariando, portanto, o que preveem Said Ali (1971) e Mendes de Almeida (2005). Orações introduzidas pelo conector **embora** apresentam variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo. Diferentemente, orações introduzidas por **apesar de que** e por **se bem que** somente ocorrem com o presente do indicativo.

Para Azeredo (2008), o conector **se bem que** introduz uma ressalva, e, para Moura Neves (2000), as orações introduzidas pelas conjunções **apesar de que** e **se bem que** constituem um adendo e tendem a aparecer como oração independente. Essa nova configuração oracional também pode contribuir para a presença efetiva do presente do indicativo nesses tipos de orações. Nos dados (5) e (6), é possível observar o valor de adendo de que trata Moura Neves (2000), e, em ambos, a oração introduzida pelos conectores aparece como uma oração independente. Parte-se do pressuposto de que o transcritor das entrevistas percebeu uma pausa relativamente alongada, optando por inserir um ponto final antes de cada uma dessas orações, tornando-as autônomas.

Delahunty (2006) destaca que outro tipo de oração pode substituir a concessiva: a oração causal. Segundo o autor, “você pode usar ‘não que’ no lugar de ‘embora’ e uma negativa. Por exemplo: em substituição a ‘Decidi sair, embora ninguém me esqueceria’, você pode dizer ‘Decidi sair – não

que alguém me esqueceria.”⁷ (DELAHUNTY, 2006, p. 217[grifos do autor]). Também Pimpão (1999a) dedica atenção a ocorrências de oração causal, com a ilustrada por Delahunty (2006), defendendo a importância da negação na correção de pressuposições, conforme ilustra o exemplo a seguir.

- (7) A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **NÃO É PORQUE** eu não **CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? (LGS 02, L1272)

Em (7), o falante destaca a confiança depositada em sua filha de onze anos para cuidar de sua filha menor do que em uma outra menina. O ouvinte poderia inferir, a partir dessa observação, que o falante, por não conhecer muito a menina, não tem muita confiança. Essa possível pressuposição é corrigida mediante a oração causal que introduz o cancelamento dessa pressuposição e a apresentação de outra informação: não é questão de confiança, porém de responsabilidade.

Por sua vez, as orações parentéticas constituem objeto de estudo de diferentes pesquisas. Galembeck e Carvalho (1998) as consideram, dentre outras formas, como um marcador conversacional específico, um marcador de preservação da face. Na perspectiva dos autores, a interação face-a-face desencadeia um desequilíbrio social, constituindo uma ameaça à autoimagem. Na pesquisa realizada pelos autores, foram identificados alguns marcadores de atenuação. Dentre os marcadores conversacionais de atenuação que indicam menor envolvimento do locutor, estão casos de

⁷ Delahunty (2006, p. 217): “You can use ‘not that’ instead of using ‘although’ and a negative. For example, instead of saying ‘I have decided to leave, although no one will miss me’, you can say ‘I have decided to leave - not that anyone will miss me’”

orações parentéticas, denominadas, mais especificamente, de marcadores de rejeição. Segundo Galembeck e Carvalho (1998, p. 159), marcadores de rejeição “representam uma antecipação do locutor, com a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis, ou prevenir interpretações contrárias ou prejudiciais por parte do interlocutor”. Um dos exemplos identificados na pesquisa é “que eu saiba”.

Com o aporte da Análise da Conversação, Burgo e Ferreira (2011) investigam alguns marcadores conversacionais, como os de atenuação. Para os autores (2011, p. 368), no contato face a face, “o falante partilha do mesmo assunto e do mesmo ambiente de conversação no qual está inserido o ouvinte, e, assim, é capaz de monitorar o efeito de sua enunciação”. O ouvinte, por sua vez, dada a interação direta com o falante, tem a oportunidade de, se necessário, solicitar esclarecimentos. Nesse contexto, os marcadores de atenuação, mais especificamente os de rejeição, na medida em que são acionados na antecipação de possíveis reações negativas por parte do interlocutor ou no cancelamento de reações manifestadas por este, cumprem um importante papel no desenrolar da interação.

Conforme Rosa (1992, p. 57), marcadores de rejeição “são prefácios constituídos de pequenas orações que procuram controlar, por antecipação, possíveis reações desfavoráveis ao que é expresso na unidade discursiva (UD) à sua direita”. Na amostra investigada, Rosa (1992, p. 57) encontrou as seguintes “frases altamente estereotipadas: *se não me falha a memória, que eu me lembre, que eu me lembro de momento, que eu saiba e se não estou enganado*” [grifos da autora]. Esses marcadores, na visão da autora, também ocorrem na posição intercalada (parentética) e ainda como posfácio. Nesta pesquisa, não há uma relação entre oração parentética e posição intermediária; a oração parentética, nesse sentido, pode ocorrer na posição inicial (8), na posição intermediária (9) e na posição final (10), conforme exemplos a seguir.

- (8) Ent.: E nunca houve casos assim [de]- de mulheres que morreram? Não, **QUE** eu **CONHEÇA**, não, mas todas as pacientes dela nenhuma delas morreu, nem elas, nem as crianças. (FLP 08, L732)
- (9) A gente só escuta pela televisão, pelo rádio assim, mas, por exemplo, as pessoas que trabalham lá eles sempre dão o pagamento certo, sempre fazem as coisas certas, né? Então [a gente]- eu acho que não tem muito problema assim. Aqui o nosso, aqui em Lages, pelo menos eu não vejo coisa assim, sabe? Que eu acho que é bem bom, o nosso aqui. O nosso aqui não tem problemas seríssimos assim, **QUE** eu **SAIBA** não, né? Que eu saiba não sei. (LGS 01, L993)
- (10) E se metia em cada uma! Se machucava todo. Fazia armadilha pro King Kong. Eram umas coisas [bem]- bem malucas. De vez em quando [dava]- via pela frente pessoas diferentes, né? pessoas que viviam ali mesmo, né? embrenhadas no mato, sei lá eu. Ah, mas, assim, o que mais me marcou, **QUE EU** me **LEMBRO**, foi isso, que foi muito engraçado. Da árvore, né? da árvore que a gente se jogava de uma pra outra e do King Kong que era muito engraçado. (FLP 01, L132)

Em (8), o falante precisa responder se houve casos de mulheres que morreram e, de imediato, responde que não houve. Em seguida, relativiza essa afirmação tão categórica e, na tentativa de não se comprometer com uma determinada resposta, corrige sua opinião mediante o uso de **que eu conheça**. É provável que o falante tenha avaliado a sua fala e percebido a forte asserção relativa ao não conhecimento de mulheres que morreram. É provável, ainda, que tenha atribuído uma pressuposição ao ouvinte: a de que não ocorreram casos de morte de mulheres.

No dado (9), o falante é inquirido a responder se os hospitais de Lages enfrentavam, à época da entrevista, problemas como os hospitais de

outras cidades do Brasil enfrentaram. Responde, então, que o pagamento é correto da mesma forma como as pessoas que trabalham lá também são. Segue destacando que acha não haver problemas e que não tem problemas muitos sérios. Entretanto, na sequência, reconsidera, afirmando: que eu saiba não. Provavelmente receando que o ouvinte assuma como verdadeira a informação anterior, o falante relativiza todo o contexto anteriormente apresentado como verdadeiro.

Por fim, em (10), o falante descreve um tipo de brincadeira bastante comum em sua infância; entretanto, relativiza as informações apresentadas por meio do uso da oração parentética **que eu lembro**. Essa oração descompromete o falante de qualquer asserção mais categórica e, por isso mesmo, comunica ao ouvinte que não deve confiar plenamente na referência feita à brincadeira.

A especificidade desse tipo de contexto linguístico pode ser assim descrita: a oração parentética funciona como atenuadora de uma informação previamente apresentada como um relato de fatos passados ou de situações presentes. O mundo discursivo construído pelo informante também é reconstruído na mente do ouvinte e, receando que o ouvinte considere verdadeira a informação mencionada, o falante decide atenuar uma, por vezes possível, pressuposição decorrente de uma informação fortemente asseverada como verdadeira. Portanto, por reconsiderar a informação prévia, usa a oração parentética para sinalizar, ao ouvinte, que não tem tanta certeza sobre o que acabou de relatar. É o que Mendes de Almeida (2005) denomina limitação de possibilidade e o que Bechara (2006) considera como restrição da generalidade de um asserto.

Todos os dados apresentados e discutidos nesta seção 2, independentemente do olhar teórico, parecem colocar em evidência a correlação entre processos mentais, discurso e comunicação (GIVÓN, 1995, 2001, 2005). Informações são negociadas na interação comunicativa e constantemente

reorganizadas em função de como o falante avalia seu discurso e de como ele avalia/julga a interpretação que o ouvinte pode fazer do seu discurso. E esse tipo de negociação favorece o uso das orações investigadas.

3 Metodologia

Os dados em análise neste trabalho foram retirados do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)⁸, cujo objetivo geral consiste em descrever o português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas de cada um dos estados da Região Sul do Brasil, e estão referidos em Pimpão (2012).

A amostra base do VARSUL reúne 288 entrevistas da zona urbana, distribuídas igualmente entre quatro cidades de cada estado da Região Sul: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati). Uma amostra complementar de Florianópolis foi acrescida ao acervo base: 12 entrevistas com informantes jovens (14 a 24 anos) e 8 entrevistas com informantes com nível superior.

A amostra para fins de análise nesta pesquisa é constituída por 24 entrevistas com informantes naturais de Florianópolis e 24 com informantes naturais de Lages. São analisados 77 dados, sendo 44 de informantes florianopolitanos e 33 de informantes lageanos.

4 Discussão dos resultados

As tabelas, na sequência, indicam os resultados para as orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora**, **apesar de que** e **se**

⁸ Para maiores informações, acessar o seguinte site: www.varsul.org.br.

bem que; para as orações causais introduzidas por **não** e para as orações parentéticas em correlação com o uso variável do presente do modo subjuntivo.

A Tab. 1 apresenta resultados gerais para as ocorrências das 24 entrevistas de Florianópolis e das 24 entrevistas de Lages, e as demais tabelas apresentam resultados para as 24 entrevistas de cada cidade em cada um dos contextos de análise.

Tabela 1 – Resultados gerais do uso variável do presente do modo subjuntivo em Florianópolis e em Lages

Cidade/Contexto	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Orações concessivas	07/24	30	03/16	19
Orações causais	04/13	31	07/09	78
Orações parentéticas	04/07	57	07/08	87
TOTAL	15/44	34	17/33	49

Fonte: Adaptado de Pimpão (2012).

Conforme pode ser observado na Tab. 1, o presente do modo subjuntivo não se mostra muito frequente: em Florianópolis, atinge um percentual de 34% e, em Lages, um percentual pouco mais elevado, 49%. Considerando o contexto de análise, observa-se uma maior retenção dessa forma variante nas orações parentéticas em ambas as cidades. Essas orações têm a propriedade de sinalizar, ao ouvinte, que o falante não tem tanta certeza sobre o que acabou de relatar, instaurando um ambiente de indefinição. O presente do subjuntivo parece ser retido no contexto de incerteza, imprecisão (GIVÓN, 1995, 2001). Em Lages, o presente do subjuntivo também é preservado nas orações causais. Para os demais resultados, há uma preferência pelo presente do modo indicativo.

A seguir, são apresentados resultados para as orações concessivas.

Tabela 2 – Orações concessivas introduzidas pelos conectores **embora**, **apesar de que** e **se bem que** e o uso variável do presente do modo subjuntivo nas amostras de Florianópolis e de Lages

Cidade/Conector	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Embora	07/14	50	03/09	33
Apesar de que	0/07	0	0/06	0
Se bem que	0/03	0	0/01	0
TOTAL	07/24	30	03/16	19

Fonte: Adaptado de Pimpão (2012).

Os resultados gerais da Tab. 2 evidenciam uma baixa recorrência do presente do subjuntivo: 30% em Florianópolis e 19% em Lages. No que se refere aos conectores, é importante destacar o uso categórico do presente do indicativo sob o escopo dos conectores **apesar de que** e **se bem que** em ambas as cidades. Conforme Moura Neves (2000), esses dois tipos de conectores tendem a funcionar como um adendo, aparecendo, portanto, em uma oração independente. A perda da dependência com a oração matriz parece ser um dos fatores que contribui para o não uso do presente do subjuntivo, pois desaparece a relação de subordinação sintática.

Em contrapartida, o conector **embora** apresenta uma variação equilibrada em Florianópolis (50%) e uma baixa preferência pelo presente do subjuntivo em Lages (33%). Esse conector, nos termos de Bybee (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), constitui o modo subordinante, caracterizado como aquele em que o subjuntivo ocorre em determinados tipos de orações subordinadas.

Pesquisadores têm mostrado que a concessão não ocorre somente na interlocução, assumindo funções discursivo-pragmáticas, podendo se

manifestar quando o falante consulta a si mesmo, refletindo sobre seu próprio discurso. E nesses diálogos, seja do falante com outro, seja do falante consigo mesmo, outras vozes emergem, outros pontos de vista são apresentados; a voz do outro, assim, está presente na voz do falante (GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004). O exemplo a seguir é ilustrativo dessa situação.

- (11) Dizendo só antes que aos sete, oito anos, nós ficamos morando definitivamente aqui em Lages, né? **EMBORA** eu **SEJA** daqui. Mas quando nós viemos pra Lages, ainda existia mesmo dentro da cidade uma relação muito mais de proximidade na comunidade, me lembro na rua onde a gente morava, era muito comum as pessoas se visitarem nas casas, assim, um ir tomar café na casa do outro, ainda era muito comum. (LGS 03, L94)

Em (11), ao afirmar que **ficamos morando definitivamente aqui em Lages**, o falante pode criar a dúvida de que não é lageano. Refletindo sobre essa possível pressuposição, avalia seu discurso e, antecipando-se a uma provável intervenção do ouvinte, menciona, então, que é de Lages.

Nesse sentido, a interação comunicativa parece constituir o lugar em que as concessivas, de um modo geral, devem ser encaixadas para um maior conhecimento de sua funcionalidade. A inserção das orações concessivas no eixo comunicativo realça a importância desse tipo de oração na orientação discursiva, na medida em que o falante pode reformular uma informação, inferida pelo ouvinte ou a ele atribuída. E nessa interação entre os interlocutores, momento em que o falante, parafrazeando Gouvêa (2001), avalia seus próprios enunciados e a interpretação do ouvinte, processos cognitivos também estão envolvidos e “que corrige ou expande o argumento introduzido pelo enunciado sem conector.” (SALGADO, 2006, p. 13).

Na sequência, a Tab. 3 apresenta resultados para as orações causais iniciadas por **não**, a saber: **não que**, **não é que** e **não é porque**.

Tabela 3 – Orações causais introduzidas por **não** e o uso variável do presente do modo subjuntivo nas amostras de Florianópolis e de Lages

Cidade/Conector	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Não é que	02/04	50	06/06	100
Não que	02/05	40	01/02	50
Não é porque	0/04	0	0/01	0
TOTAL	04/13	31	07/09	78

Fonte: Adaptado de Pimpão (2012)⁹.

Considerando os resultados gerais, o percentual de uso do presente do subjuntivo atinge um percentual de 31% em Florianópolis, e a cidade de Lages, por sua vez, apresenta resultados com percentual bastante elevado para o presente do subjuntivo, 78%.

Tendo em vista essas ocorrências, e a despeito do número de dados, presume-se que a locução *não é porque* apresenta uso categórico de presente do indicativo por ainda preservar o conector causal *porque*, que ocorre com esse tempo/modo verbal (PIMPÃO, 2012). As locuções *não que* e *não é que*, por sua vez, constituem uma unidade, um bloco semântico, e, pela recorrência, estariam formando uma construção.

De acordo com Delahunty (2006), construções com **não que** podem ser interpretadas como uma rejeição a conclusões derivadas de suposições contextuais, conforme ilustra o dado a seguir com **não é que**:

- (12) Ent.: Ah, hã, a senhora gosta de [política, então.]
 [Gosto. Ah, gosto.] [Eu gosto de]- **NÃO É QUE** eu **GOSTO** de política, eu gosto, assim, de ver como é que está a política, né? essas coisas aí que a gente está escutando todo dia, aí. (FLP 15, L136)

⁹ Não houve casos de **não porque** nas 24 entrevistas de Florianópolis e nas 24 de Lages.

Conforme dado (12), o entrevistador faz uma consideração acerca do falante gostar de política, informação que é, pelo menos inicialmente, ratificada pelo falante. No entanto, reavaliando sua afirmação, este destaca que não gosta de política propriamente, porém gosta de tomar conhecimento do que acontece nesse meio. O conector **não é que** da oração causal corrige, portanto, uma informação equivocada.

A Tab. 4, na sequência, exhibe resultados para as orações parentéticas.

Tabela 4 – Orações parentéticas e o uso variável do presente do modo subjuntivo nas amostras de Florianópolis e de Lages

Cidade/Item verbal	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Conhecer	01/01	100	–	–
Saber	01/01	100	03/03	100
Lembrar	02/05	40	04/05	80
Total	04/07	57	07/08	87

Fonte: Extraído de Pimpão (2012, p. 268).

Chama a atenção os três únicos verbos que aparecem nesse tipo de oração parentética: **conhecer**, **saber** e **lembrar** (o primeiro apenas em Florianópolis). Esses verbos são caracterizados pela factividade, i.e., a propriedade que tem um verbo de implicar o fato expresso pela oração subordinada. No entanto, esses mesmos verbos, reorganizados na construção nomeada de oração parentética, assumem um valor oposto àquele inerente ao item lexical. A resignificação resulta, portanto, do uso de tais verbos na construção parentética ainda que não percam totalmente a característica da factividade, uma vez que o ambiente discursivo em que ocorrem remete a situações conhecidas e/ou experienciadas pelo falante. No fluxo discursivo, o uso desse tipo de recurso objetiva relativizar uma informação apresentada

como categórica. Vejamos um exemplo: perguntada sobre as brincadeiras de infância, responde a informante:

- (13) Era aquele de esconder de bicho, brincar de bicho. **QUE EU** me **LEMBRE** agora era de se esconder, né? Se esconder e brincar de bicho. (LGS 10, L62)

Em (13), inicialmente, o falante responde de forma categórica que eram duas as suas brincadeiras de infância: *se esconder e brincar de bicho*. Na sequência, por provavelmente considerar que possa haver outras brincadeiras, das quais não lembra no momento da entrevista, utiliza a oração parentética como estratégia para corrigir essa pressuposição e para sinalizar ao ouvinte que não está tão seguro de sua resposta. O uso desse tipo de oração, com vistas a atenuar o comprometimento do falante, também é mencionado por Nascimento (2006) como uma das estratégias de modalidade epistêmica usadas por falantes de uma comunidade no interior de Goiás. A comunidade “Os Almeidas”, investigada por Nascimento (2006), foi constituída, ao que tudo indica, a partir de um antigo agrupamento quilombola. Como estratégia para não se comprometer com informações relacionadas a um passado de escravidão, os informantes se valem da modalidade epistêmica, sendo a oração parentética um dos recursos linguísticos usado.

Ainda que sejam poucas ocorrências, há um comportamento gramatical categórico: as orações parentéticas fixam-se na 1ª pessoa do singular, como uma marca de expressão subjetiva do falante, de modo semelhante ao que ocorre com os verbos **achar** e **crer** como satélites atitudinais (GONÇALVES, 2006). Assim, o contexto de oração parentética é caracterizado da seguinte forma: uso de determinados verbos (**conhecer**, **lembrar** e **saber**), uso categórico do presente do subjuntivo sob o escopo dos verbos **conhecer** e **saber**, uso variável do presente do subjuntivo e do presente do indicativo

sob o escopo do verbo **lembrar** e emprego da 1ª pessoa do singular. No caso do verbo **lembrar**, a oração parentética funciona como atenuadora de uma informação previamente apresentada como um relato de fatos passados ou de situações presentes, portanto, *realis* (GIVÓN, 1995; 2001).

O mundo discursivo construído pelo falante também é reconstruído na mente do ouvinte e, receando que o ouvinte tome como verdadeira a informação mencionada, o informante decide atenuá-la. Instaure-se a pressuposição na medida em que o informante decide cancelar ou atenuar uma pressuposição decorrente de uma informação fortemente asseverada como verdadeira. Portanto, por duvidar da informação prévia, usa a oração parentética para sinalizar ao ouvinte, que não tem tanta certeza sobre o que acabou de relatar, instaurando, portanto, um ambiente de incerteza, em que o subjuntivo é o modo esperado (GIVÓN, 1995; 2001).

Considerações finais

A análise dos contextos linguísticos investigados neste trabalho indica um denominador comum: a propriedade de corrigir pressuposições atribuídas ao ouvinte ou por ele expressadas. Essa propriedade coloca em destaque processos cognitivos envolvidos na interação comunicativa e manifestados pelas orações concessivas introduzidas por **embora**, **apesar de que** e **se bem que**; pelas orações causais introduzidas por **não**; e pelas orações parentéticas.

Em termos de frequência geral, o percentual de uso do presente do modo subjuntivo é baixo: 34% nas 24 entrevistas de Florianópolis e 49% nas 24 entrevistas de Lages (cf. Tab. 1). Esses resultados apontam um uso menos frequente dessa forma, mesmo em contextos não previstos pelos gramáticos como de uso também do presente do indicativo, como é o caso das orações causais e parentéticas.

Especificamente tratando das orações concessivas, os resultados indicam o uso categórico do presente do indicativo sob o escopo dos conectores **apesar de que** e **se bem que**, que tendem a aparecer em uma oração independente, perdendo, portanto, a dependência sintática com a oração matriz, e funcionando como um adendo (MOURA NEVES, 2000). O conector **embora**, ao contrário, mostra uma variação entre o presente do subjuntivo e do indicativo (50% em Florianópolis e 33% em Lages). É possível que o presente do subjuntivo ocorra nesse contexto por constituir o modo subordinante, ou seja, um modo subordinado a uma determinada marca formal (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

No caso das orações causais, o percentual é bastante diferenciado (31% para Florianópolis e 78% para Lages). Os resultados parecem indicar uma preferência do presente do subjuntivo sob o escopo dos conectores **não é que** e **não que** e o uso categórico do presente do indicativo sob o escopo de **não é porque**. Aventa-se a possibilidade da exclusividade do presente do indicativo nesse contexto devido a um hibridismo do conector, que se situaria na interface da oração causal e de um adendo, enquanto os demais conectores teriam uma maior feição de adendo, de correção de pressuposição devido ao bloco semântico de **não (é) que**.

As orações parentéticas, por sua vez, exibem um cenário muito interessante. De um lado, os verbos **conhecer** e **saber** apresentam um uso categórico de presente do subjuntivo por, provavelmente, instaurarem um ambiente mais incerto, mais impreciso. O verbo **lembrar** é, muito frequentemente, usado em situações de relato de experiências passadas, parecendo instaurar um ambiente de mais certeza, de mais precisão, favorecendo, nesse caso, o presente do modo indicativo.

O funcionalismo permitiu uma análise mais refinada de alguns dados categóricos e, em alguns momentos, de dados quantitativamente pouco expressivos, e o tratamento qualitativo foi importante para a análise da natureza pragmática dos três contextos em análise.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BURGO, Vanessa Hagemeyer; FERREIRA, Eduardo Francisco. Procedimentos que indicam menor grau de envolvimento do falante em entrevistas. In: *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, p. 367-382, 2011.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago press, 1994.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DELAHUNTY, Gerald P. A relevance theoretic analysis of *not that sentences*: “Not that there is anything wrong with that”. *Pragmatics*, v. 16, n. 2/3, p. 213-245, 2006. <http://dx.doi.org/10.1075/prag.16.2-3.01del>
- GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. Marcadores de preservação da face na fala culta de São Paulo e do Rio de Janeiro. In: *Intercâmbio*, v. II, p. 155-165, 1998.
- GARCIA, Cintia Bartolomeu. As construções com *mas* e com *embora* sob a perspectiva funcionalista. In: *Estudos Linguísticos XXXIII*. Campinas: UNICAMP, p. 449-454, 2004.
- GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. Natal: EDUFRN, 2011[1979].
- _____. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. <http://dx.doi.org/10.1075/z.130>
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- _____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. I e II, 2001.
- GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização de predicados matrizes. *Estudos Linguísticos XXXV*. Campinas: UNICAMP, p. 1808-1817, 2006.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Conectores concessivos e adversativos: uma visão discursiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 234-240, 2º sem. 2001.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NASCIMENTO, A. M. do. Uma interpretação sócio-histórica para a expressão da modalidade epistêmica na fala de uma comunidade afro-descendente de Goiás. *Signótica Especial*, n. 2, p. 221-234. 2006.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. O escopo da negação e o modo subjuntivo. In: *Estudos Linguísticos*. Bauru, p. 719-724, 1999a.

_____. *Uso variável do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 2012. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 1999b. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999b.

ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SALGADO, Erica. Alguns aspectos da concessão com *se bem que*. *Revista Letra Magna*, n. 4, p. 449-454, set. 2006.

Recebido em 20/04/2015.

Aceito em 11/06/2015.